



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Isolismo e vontade de destruição do ser como componentes do herói sadiano

Seropédica
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Isolismo e vontade de destruição do ser como componentes do herói sadiano

Monografia apresentada ao curso de filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Bilate de Carvalho.

Tailane da Silva Amaral

201330038-5

Seropédica
2018

Isolismo e vontade de destruição do ser como componentes do herói sadiano

Tailane da Silva Amaral

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Bilate de Carvalho (Orientador) – UFRRJ

Prof. Dr. Affonso Henrique Vieira da Costa – UFRRJ

Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho – UFRRJ

Conceito final: _____

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar o isolismo e a vontade de destruição do ser, duas características presentes na construção do herói sadiano. Para realizar esse processo, serão descritos e analisados, separadamente, os conceitos de isolismo e vontade de destruição do ser, sendo primeiramente apresentado o conceito de isolismo passando por formas de isolamento em seguida à vontade de destruição do ser, passando à vontade de destruição de si, bem como provar a ligação entre essas duas características.

Sade, ao longo de toda sua obra, se dedicou a pregar contra qualquer moral e princípios impostos, pois isso impediria o homem de atingir sua plenitude, de se realizar enquanto homem. O homem que consegue se desprender de conceitos morais e agir buscando a satisfação de seu próprio prazer é o herói sadiano.

Sumário

Introdução	1
A independência natural em relação aos pais	2
A independência em relação aos outros seres humanos	4
A relatividade dos crimes	7
Sobre o remorso	11
O isolamento social	14
A vontade de destruição do ser	18
A vontade de destruição de si.....	21
Conclusão	23
Bibliografia	25

Introdução

Para Sade, era mais relevante entender a complexidade do homem do que apresentá-lo virtuoso. O entendimento humano precisava ser alcançado, ainda que apresentado sob os horrores e aspectos mais tenebrosos possíveis da natureza. E para realizar tal tarefa, Sade lança mão de uma narrativa que pode ser considerada por muitos chocante ou até mesmo ofensiva.

Nesse contexto, Sade apresenta a figura do libertino, o herói sadiano, altamente controverso e intrigante, no qual o incesto, o assassinato, o roubo e os excessos libertinos são fundamentados na Natureza. As virtudes, baseadas na moral religiosa e a moral social vigente, são apresentadas como contrárias à natureza humana, impedindo-a de se realizar plenamente.

Tanto Sade quanto a figura do herói sadiano foram alvos de estudos por parte de filósofos como Barthes, Beauvoir, Bataille, entre outros, sendo que esse trabalho pretende analisar e apresentar duas das características do herói sadiano que seriam necessárias ao homem para abrir mão de princípios morais e a partir das quais o herói sadiano é construído.

O presente trabalho pretende apresentar e analisar as duas características do herói sadiano, esse indivíduo capaz de abrir mão de princípios morais, o isolismo e a vontade de destruição do ser. Assim, serão descritos e analisados, separadamente, esses conceitos, de forma que fique clara a relação entre ambos na construção do herói sadiano.

1. A independência natural em relação aos pais

Sade descreve o homem como um ser essencialmente sozinho. Ele nasce só, ele morre só, ainda que no decorrer de sua vida ele passe a despertar interesses de outros, somente ele é indissociavelmente interessado ao que lhe ocorre.

Em obras como *A Filosofia na Alcova* e *Justine ou os infortúnios da virtude*, Sade dedica-se a expor porque determinados preceitos morais e virtudes devem ser abandonados para se chegar ao pleno desenvolvimento do ser. Sade usa suas obras para esclarecer porque as virtudes têm de ser abandonadas e como elas, inclusive, prejudicam os seres humanos. Por exemplo, o amor e obediência aos pais, um comportamento e sentimento arbitrariamente repassados como corretos e necessários. Sade faz questão de esclarecer que um filho nada deve aos pais. A obediência cobrada aos filhos é na verdade um absurdo, pois tudo o que os pais fizeram por eles foi na verdade por si próprios. Absurdo, pois qualquer sentimento de gratidão ou dívida pode restringir a liberdade do indivíduo, isso baseando-se em conceitos criados pelos pais a fim de controlarem e usarem um filho para satisfazerem suas ambições pessoais. Os filhos, frutos de uma relação de prazer entre os pais, não lhes devem nada. O filho, conforme ele esclarece, é concebido por conta de um momento que os pais queriam, que estavam aproveitando e que era prazeroso a eles, ou seja, eles não estavam fazendo pelo filho, mas sim pelo seu próprio prazer.

Mas este ser que eu ataco é minha mãe, é o ser que me guardou em seu seio. E daí, não será esta vã consideração que me deterá, e que direito terá ela de me convencer? Pensava ela em mim, essa mãe, quando sua lascívia a fez conceber o feto de onde saí? Posso eu ser-lhe reconhecido por se ter entregue aos seus prazeres?¹

É loucura supor que se deve alguma coisa à mãe. E portanto, em que se baseia essa gratidão, por que motivo se deve ser grato, se a mãe gozou quando alguém a fodeu? Isso é suficiente, sem dúvida.²

Qualquer obrigação filial é fruto do desejo dos pais de dominarem os filhos, para que estes privilegiem seus interesses em detrimento dos próprios e do medo que os pais têm de serem abandonados na velhice ou doença e medo que seus filhos se voltem

¹ *Justine, ou os infortúnios da virtude*, p.38

² *Os 120 dias de Sodoma*, p. 81

contra eles. Ou seja, todos os cuidados dos pais pelos filhos não deve ser causa para cobranças, uma vez que os pais o fazem também por si próprios, uma vez que tomando todos os cuidados enchem o filho de pedidos e exigem obediência, donde se esclarece que cuidaram do filho por interesse próprio, cuidaram pra ter alguém no futuro que atendessem seus pedidos e cumprissem suas ordens, para ter quem lhes cuidassem quando precisassem e além de tudo, para ficarem em paz com suas consciências, não tendo sentido cobrar do filho gratidão e obediência por um ato praticado pensando neles próprios, pois eles usufruíram pelo seu próprio prazer, cuidaram para ficar em paz com suas consciências.

Assim, tudo que os pais fazem por seu filho é na verdade por eles próprios, pensando em seu benefício, não tendo o filho que se sentir obrigado a nada em relação a eles. Sade esclarece que tal qual acontece com todos os outros animais na natureza quando aprendem a se manter, o homem deve libertar-se de todo compromisso, ligação ou senso de débito que pensa ter com seus criadores. O conceito de autoridade e dever familiar foi criado para controlar e usar o outro a seu favor, para impedir que o indivíduo exerça plena liberdade de seu corpo, desejos e ações, não sendo, então, tal sentimento compatível a um herói sadiano, como Sade expressa em:

Por que então, a raça humana deve permanecer acorrentada a outros deveres, fundados tão somente na avareza e ambição dos pais? Por que uma moça que começa a refletir e a sentir tem que ser dominada pelo freio paterno? Não foi apenas um preconceito imbecil que criou tais cadeias? Se os movimentos de amor recíproco fossem naturais, a voz do sangue não seria uma quimera. Pais e filhos se adivinhariam, se distinguiriam sem se ter jamais vistos, em meio das mais numerosas assembleias.³

Aqui, mais uma vez, foi possível observar como a natureza está sendo preterida em relação a imposições sociais. Se tal relação de submissão e sentimento de gratidão fosse natural ao homem, se o sangue constituísse obrigações, ele naturalmente reconheceria seus progenitores e as cumpriria sem a necessidade de sentir-se obrigado devido as imposições sociais. O indivíduo limita seus atos em nome de um sentimento de dever que não lhe é natural mas sim imposto socialmente, sendo legítimo sua libertação de tais imposições.

³ *A Filosofia na Alcova*, p. 77.

2. A independência em relação aos outros seres humanos

Ainda em *Filosofia na Alcova*, Sade fala sobre a generosidade e compaixão e em como ela, além de não ser natural ao homem, pode acabar sendo prejudicial: “Nem creia que essa boa ação terá bons efeitos; a caridade é a maior das hipocrisias, acostuma o pobre a um socorro que lhe mata a energia; não trabalha mais, à espera da esmola, e quando esta lhe falta, toma-se ladrão ou assassino”⁴.

A caridade somente faz com que a miséria cresça e se perpetue uma vez que oferecendo somente esmolas não se oferece condições para o mendigo deixar esse modo de vida, apenas se contribui para que se mantenha nele. Isso também faz com que o mendigo se acomode na situação em que se encontra, uma vez que sabe que sempre haverá alguém para lhe garantir ao menos uma subsistência, sendo a generosidade uma das causas da continuação da miséria, pois caso tivessem sua existência ameaçada essas pessoas talvez saíssem da situação de mendicância. Assim, esclarece-se a hipocrisia que Sade acusa, pois quem oferece a esmola, oferece para sentir-se bem, por que gosta, para ostentar uma imagem de pessoa caridosa ou para manter-se livre de crises de consciência. De qualquer forma, ele não se importa com o fato de que seu ato manterá o indivíduo em mendicância, não se importa com o bem do outro quando oferece a esmola, mas sim com o seu.

Falando sobre a amizade, outro sentimento tido como admirável e natural ao homem, Sade também deixa claro como um sadiano deve se comportar:

A última parte de minha análise refere-se aos laços da amizade e do reconhecimento. Respeitemos os primeiros, consinto, enquanto nos são úteis. Conservemos nossos amigos enquanto nos servem, esqueçamo-los desde que não possamos mais tirar proveito deles.⁵

Segundo ele, amigos devem ser mantidos na medida em que nos beneficiamos com eles e apreciamos sua companhia, desfazendo-nos deles quando não mais servem nossos interesses ou prazer e não amá-los por eles mesmos, pois a natureza é egoísta e somente nos impele ao que podemos nos beneficiar. Manter-se atado a alguém que não lhe beneficie nem lhe proporcione prazer, trata-se de uma atitude não inteligente que só

⁴ *A Filosofia na Alcova*, p. 17.

⁵ *A Filosofia na Alcova*, p. 45.

nos pode ser prejudicial, no mínimo uma perda de tempo, como pode ser visto também em *Os 120 dias de Sodoma*:

Inteligente, digo eu, é sentir que a gratidão é um disparate, e uma alucinação, e nunca permitir que os laços de amizade ou de qualquer outra espécie nos façam parar ou mesmo suspender os efeitos do crime, porque o objeto que nos serviu não pode reivindicar qualquer direito à generosidade de nosso coração.⁶

Tal concepção é parecida em relação ao amor, que deve ser evitado o máximo possível, pois é um sentimento pautado em um desejo que pode levar à loucura. “Se possuímos este objeto, eis-nos contentes; se nos é impossível consegui-lo nos desesperamos. Mas qual é a base deste sentimento? O desejo. Quais são as consequências deste sentimento? A loucura”.⁷

Ao nos abstermos de nós mesmos em nome de nosso objeto de desejo estaríamos indo em direção à privação voluntária de outros prazeres e isso poderia nos ser prejudicial. No entanto, essa adoração poderia ser aceitável se fosse eterna, se permanecêssemos para sempre felizes mesmo nos abstendo em nome de apenas um objeto. Porém, na maioria da vezes, isso não ocorre. Após algum tempo, aquele que amou loucamente e prestou adoração ao seu objeto de desejo reconhece-se como tendo estado desprovido de razão, sente-se envergonhado pelo que fez e passa a ver seu objeto de desejo como ele realmente é, ou seja, semelhante a todos os outros homens ou mulheres. O amor seria uma forma de nos escravizarmos a outros, de limitar os prazeres.

Sade fala ainda contra o sentimento de gratidão, que só caberia aos fracos, pois uma grande alma, como ele diz, não aceitaria estar subjugada a um favor nem aceitaria estar à mercê do sentimento de amor dos outros. “Mas mesmo que o serviço fosse prestado de igual a igual, jamais o orgulho de uma alma elevada se deixará aviltar pela gratidão”⁸, sendo o único sentimento possível o de ódio contra quem prestou um favor.

Não é, pois, humilhante tornarmo-nos o joguete do amor próprio dos outros? Não o será ainda mais mostrarmo-nos agradecidos? Nada pesa tanto como favor recebido. Nada de meio-termo; ou o devolvemos, ou ele nos aviltará. As almas valorosas não suportam o peso dum favor; este pesa sobre elas tão violentamente que o único sentimento que elas podem expressar é o de ódio pelo seu benfeitor.⁹

⁶ *Os 120 dias de Sodoma*, p.182

⁷ *A filosofia na alcova*, p.45

⁸ *Justine ou os infortúnios da virtude* p. 92

⁹ *A filosofia na alcova*, p. 46

O orgulho sadiano não permite o sentimento de gratidão, pois ele advém do reconhecimento de que em algum momento o outro foi necessário, estava em posição superior, além disso o sentimento de gratidão o torna refém “ou o devolvemos, ou ele nos aviltará”¹⁰, não sendo o herói sadiano um indivíduo que se deixa subjugar por tal sentimento. Além disso, quem prestou o favor o fez por si mesmo, porque desejou ajudar ou para ficar em paz com sua consciência. Em ambos os casos ele fez por si, não tendo motivos para se subjugar à gratidão.

¹⁰ *Filosofia na alcova*, p.46.

3. A relatividade dos crimes

Sade também esclarece a posição do seu herói em relação aos crimes e o modo como o enxerga, de modo que sente livre para praticá-los.

O que aqui se chama crime será virtude mais além; as virtudes dum outro hemisfério podem ser crimes aqui.¹¹

É impossível imaginar que a natureza nos desse a possibilidade de cometer crimes que a ultrajassem... Todas essas inclinações foram postas na alma humana pela natureza, e não a podem ofender.¹²

Dito isto, é portanto absurdo querer se submeter à prática das virtudes que não passam de vícios em outros lugares, e a fugir de crimes que são boas ações em outros climas.¹³

Para ele, além de fazer parte da natureza, não existe algo que seja realmente crime, pois a ideia de crime é de acordo com cada região, costumes, etc., podendo ser considerado crime em determinado lugar o que do outro lado do mundo seria virtude, e o que hoje pode ser considerado crime já foi aceito no passado. O crime pode ser dito então, das leis humanas, não das leis da natureza. “Queres que o universo inteiro seja virtuoso e não sentes que tudo pereceria na mesma hora se só houvesse virtudes sobre a terra... não queres entender que, já que é preciso que haja vários vícios, é tão injusto que os puna quanto seria zombar de um caolho...”¹⁴

É nesse sentido, nessa forma de enxergar o que é considerado crime que Sade defende a prática de incesto:

EUGÉNIA - Que ótimo arranjo! Mas o incesto não é um crime?

DOLMANCÉ - Como considerar como tal uma das mais doces uniões da natureza, por ela mesmo prescrita e aconselhada [...]

Consultemos nossos corações (sempre mando os pedantes moralistas consultarem esse órgão sagrado) e reconheceremos que nada há mais delicado do que a união carnal na família. Não nos enganemos sobre os sentimentos que ligam o irmão à irmã, o pai à filha. Tudo isso é apenas disfarçado sob o véu da ternura legítima; o mais violento amor os inflama, posto pela natureza dentro dos corações.

Duplicuemos, triplicuemos sem temor o delicioso incesto, quanto mais parente nosso, mais delicioso será o objeto do nosso desejo.¹⁵

¹¹ *Filosofia na alcova*, p. 17

¹² *Filosofia na alcova*, p.65.

¹³ *Justine ou os infortúnios da virtude*, p. 103

¹⁴ SADE *apud* BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p.106

¹⁵ *Filosofia na alcova*, pp. 24-25

Sade alega, além do desejo instintivo, a importância que o incesto teve depois de grandes catástrofes para a reprodução da raça de acordo com os próprios livros mais respeitados pelo cristianismo, como as famílias de Adão e de Noé, que se reproduziram pelo incesto. Segundo ele, a criminalização e não aceitação social do incesto se deve ao temor de tornar certas famílias superpoderosas, não devendo ser tomada como lei natural o que é ditado apenas pelo interesse de alguns, pois se a natureza realmente proibisse o incesto, não permitiria que dele fosse obtido prazer, sendo que o fato de pertencer à mesma família poderia facilitar uma união devido a semelhanças e conhecimento já existentes.

Sade também se propõe a falar sobre o roubo e o por que sua prática não é de fato um crime. Segundo ele, uma lei que puna o roubo é injusta pois protege apenas aqueles que já possuem bens, não beneficiando de forma alguma os que nada possuem, pelo contrário. É uma lei injusta, pois as duas partes, o pobre e o rico, não estão em pé de igualdade para pronunciarem e se submeterem ao mesmo juramento.

Mas, ainda uma vez, por que razão aquele que nada tem se submeteria a um pacto que só protege aquele que tem? [...]

Por ele só o pobre se obriga; só o rico tem interesse neste juramento que o pobre pronuncia tão inconscientemente sem ver que, por ele, extorquido à sua boa fé, se obriga a fazer algo que a outra parte não poderá jamais fazer em retribuição.¹⁶

Segundo Sade, o homem que rouba está apenas seguindo sua natureza de conservar sua existência a todo custo, e o roubado está recebendo uma punição por sua negligência e ter se deixado roubar. “Nada mais direi para acentuar a horrível crueldade que se pratica ao punir os ladrões” diz, “puni o homem negligente que se deixa roubar, mas nada de impor penas ao que rouba”.¹⁷

Acerca de assassinato, Sade, mais uma vez, usa a natureza como justificativa. O assassinato faz parte da natureza, inclusive da natureza humana, e a natureza jamais deixaria se realizar algo que a ofendesse. “O homem custa alguma coisa à natureza? E, supondo que custe, custa-lhe mais do que um macaco ou elefante?” pergunta em *Diálogo entre o padre e o moribundo*, concluindo não fazer sentido criar, friamente e por ressentimento, uma lei que puna o ser que estava apenas exercendo sua natureza, sendo ainda mais absurdo e estúpido puni-lo com um crime igual.

¹⁶ *Filosofia na alcova*, p.59

¹⁷ *Filosofia na alcova*, p. 59

Sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, tudo que destrói não pode ser crime. O que tão bem sirva à natureza não a pode ofender [...] Pensamos ser as mais importantes criaturas do universo e imaginamos que destruir tão sublime criatura deve ser um crime enorme.¹⁸

Segundo Bataille, Sade busca o mal e procura justificá-lo, isso porque para Sade a paixão que leva seus personagens a buscarem o mal é autêntica enquanto que a repressão não passa de um frio ressentimento.

O elemento maldito é aquilo que os personagens buscam em suas ações [...] O único ponto de que está seguro é que não há nada que justifique a punição, ao menos a punição humana: “a lei, fria por si mesma, não tem como atingir as paixões que podem legitimar a cruel ação do assassinato” [...] Quanto a isso muitos espíritos concordarão: o ato do juiz tem um caráter glacial, distante de qualquer desejo e sem risco, que fecha o coração.¹⁹

Entretanto, segundo Beauvoir, o homem não é escravo da natureza e pode até mesmo voltar-se contra ela.

Uma vez criado, o homem não mais depende da natureza: depois que a natureza o criou, não tem mais nenhum poder sobre o homem. Torna a insistir; em sua relação com a natureza o homem é comparável à espuma, ao vapor que se eleva do líquido rarefeito, num recipiente, pelo fogo: esse vapor não é criado, é resultante, heterogêneo; tira a sua existência de um elemento estranho, pode ser ou não ser, sem que o elemento de que emana sofra com isso; nada deve a esse elemento e esse elemento nada lhe deve.²⁰

Apesar disso, Sade usa a natureza para orientar seus personagens e justificar o crime, isso porque as regras sociais são artificiais, mutáveis, relativas de acordo com a região, e não natural como fazem parecer. O sadiano pode escolher não agir de acordo com a natureza mas escolhe segui-la, pois ela justifica e permite seus “crimes”, dos quais Sade nunca pretendeu renunciar. Como explica Bataille:

Substitui Deus pela Natureza em estado de movimento perpétuo, mas Sade ora é fiel a ela, ora a execra: Sua mão bárbara, diz o químico Almani, só sabe modelar o mal: o mal a diverte, portanto: e eu amaria uma mãe dessas?! Não: eu a imitarei; mas detestando-a: eu a copiarei, ela assim quer, mas o farei detestando-a.²¹

¹⁸ *Filosofia na alcova*, p. 25

¹⁹ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, pp. 105-106

²⁰ BEAUVOIR, Simone de. *Deve-se queimar Sade?*, p. 37

²¹ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p. 105

De acordo com Binoche, a natureza nada mais faz que multiplicar fantasias inesgotavelmente, tornando a universalidade uma quimera. “Se o criminoso pode e deve se mostrar sem escrúpulos, não é porque ele respeita a verdadeira lei da natureza, mas porque compreendeu que a natureza não se traveste com nenhuma lei”.²² Assim, o sadiano compreende-se livre da obrigação de respeitar ou seguir qualquer lei. Como explica Bilate: “Se o verdadeiro crime (contra as leis da natureza) é impossível, não há, do ponto de vista da totalidade do real mal algum que possa ser realizado por um indivíduo qualquer”²³. E, como já dito, Sade escolhe deliberadamente seguir a natureza pois ela o justifica.

²² BINOCHÉ, Bertrand. *Sade ou a institucionalização do desvio*, p. 90.

²³ BILATE, Danilo. *Sade e a indiferença*, p.185.

4. Sobre o remorso

Sobre o remorso que se poderia sentir, uma vez que a sociedade costuma exigir certa dose de empatia e compaixão, Sade argumenta: “Pode ele existir na alma de quem não reconhece a existência de crimes? Ser-lhe-á possível arrepender-se duma ação de cuja indiferença esteja profundamente convencido?”²⁴. E, em outro lugar: “Portanto, é um absurdo entregar-se ao remorso e mais ainda temer ser punido em outro mundo se somos felizes de termos escapado disso neste”²⁵. Remorso não passa de insegurança e medo, o costume de ceder ao que a sociedade espera e impõe como correto, devendo o homem manter-se são e firme. A repetição do ato criminoso fará o homem se acostumar a ele e isso acabará por extinguir o remorso e, à medida em que der continuidade a suas ações, acostumar-se-á a elas até tornar-se apático ao sofrimento alheio e assim aproveitar os prazeres que a indiferença em relação ao outro proporciona.

E é através dessa apatia que o herói sadiano se realiza. Porém, apatia apenas no sentido de não se deixar comover, não sentir compaixão ou remorso pela dor do outro sem, contudo, ser indiferente ao prazer que o sofrimento do outro proporciona, assim o sadiano não é apático ao sofrimento. Sade, pela boca de seus protagonistas, esclarece que causar e observar a dor inflama e repercute nas emoções do algoz que, livre do remorso, apenas aproveita os prazeres que a agitação de emoções e sofrimento da vítima oferece.

Desejar o sofrimento do outro está ligado ao fato de que nos importamos com nosso próprio prazer: à medida em que o outro se apraz, passa a se preocupar com seu próprio prazer ao invés de se preocupar apenas em nos proporcionar prazer. A agressividade se faz presente no herói sadiano. Os personagens sadianos são extremamente violentos e encontram prazer nessa violência, ou seja, eles não se comprazem somente com a libertinagem, mas também a impondo por meio da violência aos outros.

Sobre isso Beauvoir diz “Na descrição que nos dá do Duque de Blangis à beira do orgasmo, devemos sem dúvida ver uma transposição para o modo épico dos costumes do autor: Gritos pavorosos, atrozes blasfêmias lhe escapavam do peito inchado, seus olhos pareciam despedir chamas, espumava, relinchava... chegava mesmo a estrangular [...]”

²⁴ *Filosofia na alcova*, p. 72.

²⁵ *Diálogo entre um padre e um moribundo*, p. 20.

Como se explica esta singular violência? [...] a aliança de apetites ardentes com um ‘isolismo’ afetivo radical é que se me afigura a chave do seu erotismo.”²⁶

Assim, segundo Beauvoir, essa apatia constitui o isolismo de Sade. Seus atrativos sexuais são o que normalmente é desprezado: velhice, a feiura, o fedor. Seus personagens encarnam o que há de mais desprezível:

O presidente de Curval era o decano da sociedade. Quase sexagenário, e singularmente gasto pela devassidão, era praticamente um esqueleto. Grande, seco, magro, olhos azuis baços e extintos, uma boca doentia e lívida, o queixo erguido, o nariz comprido. Coberto de pelos como um sátiro, costas achatadas, nádegas moles e flácidas que mais pareciam trapos sujos caídos sobre o alto das coxas..., No centro de tudo aquilo exibía um imenso orifício cujo diâmetro enorme, o odor e a cor, mais pareciam com as profundezas de uma descarga bem carregada, do que um anus. Curval estava tão atolado no lamaçal do vício e da libertinagem que se lhe tornara impossível falar de outra coisa. Tinha incessantemente as expressões mais sujas na boca e no coração, e as entremeava o mais energicamente possível com blasfêmias fornecidas pelo verdadeiro horror que tinha, assim como seus confrades, por tudo aquilo que era do domínio da religião. Essa desordem de espírito, ainda aumentada pela continua bebedeira em que gostava de se manter, conferia-lhe havia alguns anos um ar de imbecilidade e de embrutecimento que fazia, afirmava ele, suas mais caras delícias.²⁷

Esta ligação da porcaria com o erotismo é em Sade tão presente quanto a crueldade. “Que nossa sensibilidade fique toda reservada aos prazeres! Sejamos sensíveis tão somente ao que fala aos nossos sentidos, à nossa volúpia; esqueçamos o resto inflexivelmente. Desse estado resulta uma espécie de crueldade que tem suas delícias”.²⁸ Sobre essas características, Beauvoir defende que só são possíveis devido ao isolismo afetivo em que Sade vive e faz viver seus personagens. Cultivar o desprezível e manter-se cruel está ligado ao fato de não possuir laços afetivos. Segundo ela, somente um ser que vivesse sem qualquer laço afetivo poderia apresentar tais características, sendo que a prática de atos decorrido desse isolamento fortifica o estado de isolamento e impede a saída do indivíduo desse isolismo.

Tanto para Sade quanto para seus heróis, quanto maiores e mais chocantes os crimes, maiores prazeres proporcionados, tanto que Sade escolheu chicotear Rose Keller

²⁶ BEAUVOIR, Simone de. *Deve-se queimar Sade?*, p. 17

²⁷ *Os 120 dias de Sodoma*, p. 16

²⁸ *Filosofia na alcova*, p. 17

no domingo de Páscoa e sua personagem Eugenia, a jovem discípula dos libertinos em *Filosofia na alcova*, tem seu ápice na tortura da mãe.

É essencial e agradável pronunciar nomes sujos e fortes para aumentar a embriaguez do prazer, para auxiliar a imaginação, não poupemos coisa alguma para essa finalidade, tenhamos o luxo de expressões que escandalizem o mais possível. É tão doce escandalizar... Triunfo do orgulho que não se deve desprezar!²⁹

A forma de Sade ver o mundo é simples: os objetos, incluindo os humanos, servem a seus prazeres, a humilhação serve ao orgulho; tanto orgulha-se do aviltamento de sua vítima quanto, ao ver os papéis trocados, orgulha-se de si mesmo por ter ido o bastante longe para merecer um tratamento assim. E assim se explica que não sinta nenhum remorso. Como afirma Bilate:

Dado que o outro é apenas um objeto indiferente para o celerado, o criminoso sadiano não experimenta nem ressentimento, nem inveja, nem desejo de vingança, nem nenhum outro afeto que dependa de uma relação de alteridade não objetual³⁰

Sade aliou um temperamento violento ao isolismo afetivo. Sua agressividade e crueldade realiza-se no ato sexual, no qual faz questão de separar o objeto – o outro – do indivíduo sadiano, e ao deixar-se aviltar volta ao orgulho pelo desafio, assume e cultiva sua natureza “má” através do crime.

²⁹ *Filosofia na alcova*, p.30.

³⁰ BILATE, Danilo. *Sade e a Indiferença*, p. 189.

5. O isolamento social

O personagem sadiano se realiza através de seus crimes, entretanto, apesar de seu orgulho em praticar tais atos, o sadiano não os expõem imprudentemente à sociedade, embora goste de escandalizar. Pelo contrário, o sadiano tem a falsidade como aliada e com ela evita punições da lei e mantém relações sociais baseadas em aparências.

A falsidade é o melhor meio para obter êxito, quanto mais falso mais o homem sobe, tudo obtém deslumbrando os restantes com falsas aparências. Os que se enganam com os falsos nem se queixam para não dar o braço a torcer; o falso tem sempre razão, ele avançará na vida deixando para trás os sinceros; enriquecerá à custa alheia, cativará a opinião pública e se alguém falar mal dele ninguém acreditará.³¹

Com isso, além de evitar possíveis punições pelos seus crimes e adquirir boa posição social e financeira, o sadiano ainda se apraz em enganar os que creem nele. Assim, a falsidade acaba sendo um meio para realizar seus prazeres e também ela própria um prazer. “Que a mais insigne falsidade seja continuamente nosso empenho; ela é a chave de todas as graças, favores, reputações, riquezas. Ser canalha é um prazer incomparável, que de tudo nos consolará”³².

Contudo, apesar de manter relações sociais por aparência e da falsidade ser um prazer, ela é acima de tudo um meio para mascarar o crime e o isolamento social necessário para cometê-los. Conforme esclarece Binoche³³, não se trata de institucionalizar o crime e uma sociedade criminal, mas sim a criação de uma sociedade à parte, onde o crime é comum, ao mesmo tempo que também é clandestino.

Vejamos; o sadiano mantém relações sociais que impedirão que as suspeitas de seus crimes recaiam sobre ele, mas a execução desses crimes é feita em isolamento, em segredo. O sadiano isola-se, arruma um local seguro onde possa cometer seus crimes em segredo, para onde atrai ou leva suas vítimas. São variados e improváveis esses locais nas obras de Sade. Em *Justine ou os infortúnios da virtude* um destes locais é o convento de Sainte Marie des Bois, que é descrito como agreste e isolado, cercado por uma floresta e no fundo de um vale, com a habitação mais próxima a dias de distância, não obstante, os monges libertinos se preocupam em “impor aparências incontáveis de austeridade e

³¹ *Filosofia na alcova*, p. 28

³² *Filosofia na alcova*, p. 28

³³ BINOCHÉ, B. *Sade ou a institucionalização do desvio*, p. 94

religião”³⁴ aos poucos visitantes. O castelo de Dalville, da mesma obra, é igualmente isolado; subidas de caminhos tortuosos, a dias de próxima habitação, o castelo erguido à beira de um precipício cujo caminho era próprio somente para cabras, devido à dificuldade de percorre-lo. Saint-Hilaire, o convento das carmelitas, de *Contos Libertinos*, também localiza-se no cimo de uma montanha, com caminho propício apenas para cabras. Em *Os 120 dias de Sodoma*, entre os obstáculos para chegar ao castelo de Silling, estão a floresta negra, uma muralha, um precipício e um profundo fosso. A alcova, onde os libertinos de *Filosofia na Alcova* passam seus conhecimentos para a jovem Eugenia, é escolhida, pois em outro local não seria possível realizar tudo o que lá é feito, como diz Madame de Saint Ange quando explica a seu cúmplice a estadia da jovem aprendiz: “Lá nada ousamos fazer, éramos o alvo de todos os olhares”³⁵ diz, referindo-se ao convento onde a conheceu. Alcova também que foi aproveitada para a tortura da mãe da jovem, além dos outros ensinamentos a Eugénia.

Em *Sade, Fourier, Loyola* Barthes escreve sobre a viagem e sobre a clausura sadiana:

A viagem sadiana não ensina nada [...] seja em Astrakhan, em Angers, em Nápoles, seja em Paris, as cidades são apenas fornecedoras; os campos, retiros; os jardins, cenários; e os climas, operadores de luxúria; é sempre a mesma geografia, a mesma população, as mesmas funções; o que importa percorrer não são contingências mais ou menos exóticas, é a repetição de uma essência, a do crime... Então, se a viagem é vária, o lugar sadiano é único: só se viaja para se ficar fechado.³⁶

Barthes, assim como Binoche, sinaliza para a criação de uma sociedade sadiana que nasce no enclausuramento. Assim, o isolamento necessário para a prática dos crimes proporciona a criação de uma nova sociedade, uma sociedade paralela àquela sociedade que condena e impede a prática da libertinagem.

Uma vez enclausurados, os libertinos, seus cúmplices e ajudantes e sujeitos formam uma sociedade completa, dotada de uma economia, de uma moral, de uma palavra e de um tempo, articulado em horários, trabalhos e festas. Aí, como noutros lugares, é a clausura que permite o sistema.³⁷

³⁴ *Justine ou os infortúnios da virtude*

³⁵ *A filosofia na alcova*, p. 6.

³⁶ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 3.

³⁷ *Ibidem*, pp. 5-6.

De fato, é possível observar essas pequenas sociedades sadianas, nas quais estão estabelecidas funções e regras. Em *Justine ou os infortúnios da virtude* ela é composta pelos quatro monges libertinos do convento de Saint Maire de Bois e suas vítimas que variam de número. Conforme é descrito, os monges impõem uma série de regras a serem cumpridas pelas prisioneiras “nada é mais severo que as regras da nossa conduta”.³⁸

A cada dia um deles é o que chamamos de regente do dia; é ele quem recebe os relatórios da mais velha do quarto, a encarregada de tudo o que se passa nos jantares dos quais participamos [...]

Somos obrigadas a nos levantar e estarmos prontas às nove horas da manhã; às dez trazem-nos pão e água para o desjejum; às duas horas servem-nos um almoço que consiste de uma sopa muito boa, um pedaço de carne cozida, um prato de legumes, às vezes algumas frutas e uma garrafa de vinho para as quatro.

Regularmente, todos os dias, verão ou inverno, às cinco horas da tarde, o regente vem nos visitar; é então que ele recebe a delação da mais velha; e as queixas que esta pode fazer referem-se às meninas do seu quarto; se não houve nenhuma sugestão de mau humor ou revolta, se todas levantaram-se à hora prescrita, se elas se arrumaram como deviam, se comeram direito e se ninguém pensou em fuga.³⁹

Essa organização sadiana está ainda mais claramente representada em *Os 120 dias de Sodoma*, onde Sade nos apresenta um Estatuto, no qual regras de comportamento, horários e funções estão clara e objetivamente estabelecidos, bem como as punições para a quebra de tais regras.

A outra função que o isolamento cumpre, segundo Barthes, é exacerbar ainda mais a luxúria do sadiano. Uma vez em segurança, em isolamento e sem qualquer indicio de que será penalizado, o sadiano se sente apto para realizar todas as suas fantasias e ainda se vê em ambiente propício para estimular sua imaginação na criação de novas fantasias e libertinagens sobre as quais não havia antes pensado. Assim, o isolamento lhe serve como proteção e também como um estimulante.

De todos os seres humanos, não existia um que se atrevesse a esperar atingir o lugar onde se encontravam. Ah, não é facilmente que se imagina a voluptuosidade, a lasciva, a alegria feroz conseguidas por tais certezas, ou o que significa quando podemos dizer a nós próprios: Estou sozinho aqui, estou no fim do mundo, afastado de todos os olhares, aqui ninguém me pode alcançar, não há criatura que possa vir onde estou: não há limites, não há barreiras; sou livre.⁴⁰

³⁸ *Justine, ou os infortúnios da virtude*, p. 25.

³⁹ *Ibidem*, p 68.

⁴⁰ *Os 120 dias de Sodoma*, p 167.

Portanto, seja para possibilitar a prática de crimes, evitar punições, para aumentar o prazer do sadiano, para criar uma sociedade, o isolismo afetivo e o isolamento social se fazem necessários nas obras de Sade.

6. A vontade de destruição do ser

Segundo Sade, o libertino entende que a destruição faz parte da natureza, e embora, conforme já demonstrado, exista a possibilidade de voltar-se contra a ela, os seus libertinos escolhem segui-la. O homem, como parte da natureza, pode ser destruído bem como destruir, sem ser o ato de destruir um crime, mas apenas uma manifestação de sua natureza.

Sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, tudo que destrói não pode ser crime. O que tão bem sirva à natureza não a pode ofender. Aliás essa destruição que lisonjeia o homem é uma quimera [...]. Só o nosso orgulho erigiu o assassinato em crime. Pensamos ser as mais importantes criaturas do universo e imaginamos que destruir tão sublime criatura deve ser um crime enorme.⁴¹

O que é o homem, e qual a diferença entre ele e as plantas, entre ele e os outros animais da natureza? Certamente nenhuma [...]. O homem custa alguma à natureza? E, supondo que custe, custa-lhe mais do que um macaco ou elefante? [...]. Ousareis dizer que um agrada mais à natureza do que o outro? Para isso seria preciso provar uma coisa impossível: que a forma longa ou quadrada é mais útil, mais agradável à natureza do que a oblonga ou triangular. Seria preciso provar que, com respeito aos planos sublimes da natureza, um vagabundo que engorda de preguiça e indolência é mais útil do que o cavalo cujo serviço é tão essencial, ou o boi cujo corpo é tão precioso que se aproveita todas as suas partes; seria preciso dizer que a serpente venenosa é mais necessária do que o cão fiel⁴².

Quando me tiverem provado a sublimidade de nossa espécie, quando me tiverem demonstrado que ela é tão importante para a natureza que necessariamente suas leis se irritam com sua destruição, então eu poderei crer que essa destruição é um crime; mas quando o estudo mais ponderado da natureza me tiver provado que tudo o que vegeta sobre o globo, a mais imperfeita das suas obras, tem um preço igual aos seus olhos, jamais suporei que a mudança de um de seus seres em mil outros possa ofender suas leis.⁴³

Nestas três passagens Sade demonstra que o que o orgulho do homem define como crime não somente não ofende a natureza como na verdade a serve. A destruição de um ser cria a possibilidade da criação de novos seres. A destruição para que haja renovação constitui um ciclo contínuo que permanece e prestigia a natureza. O homem, como parte da natureza, está incluso nesse ciclo, pois é tal como qualquer outro ser criado pela natureza e se assim não fosse a própria natureza lhe resguardaria de uma possível destruição.

⁴¹ *A Filosofia na alcova*, p. 25.

⁴² *Diálogo entre um padre e um moribundo*, pp.82-83.

⁴³ *Justine ou os infortúnios da virtude*, p.28.

A natureza nos criou para o estado primitivo de guerra, de destruição perpétua, único estado em que devemos permanecer para realizar seus fins. Eis, querida Eugênia, como raciocinam os libertinos; acrescento por experiência, por estudos particulares, que a crueldade, longe de ser um vício, é o primeiro sentimento que a natureza imprime no homem. A criança quebra seus brinquedos, morde o mamilo da ama, e estrangula pássaros muito antes de atingir a idade da razão. Se pois, a eternidade dos seres é impossível, a sua destruição se toma uma lei da natureza.⁴⁴

Essa dose de crueldade é o prenúncio da vontade de destruição, que faz parte dos homens e somente a crueldade e vontade de destruição são contrárias à sociedade pois permitem que o mais forte sobrepuje o mais fraco, que teria que se resignar. Não fossem as convenções sociais, o mais forte dominaria o mais fraco sem nenhum tipo de penalização, tal como ocorre com os animais, por exemplo. Assim, é essa educação social que se faz contrária e nociva à natureza.

Aprende que a civilização, ao derrubar as instituições da natureza, não lhe roubou nenhum dos seus direitos. Ela criou seres fortes e seres fracos, sua intenção sempre foi a de que estes fossem subordinados àqueles, como o cordeiro sempre é subordinado ao leão, como o inseto ao elefante.⁴⁵

Para Georges Bataille, o prazer de Sade estava em enumerar diferentes possibilidades de destruir seres humanos e no pensamento do sofrimento deles.

Excluindo-se de humanidade, Sade teve em sua longa vida uma única ocupação, que decididamente o cativou, a de enumerar até a exaustão as possibilidades de destruir seres humanos. Ainda que fosse mais bela, uma única descrição exemplar teria pouco sentido para ele.⁴⁶

O sadiano se liberta de imposições e supera seus limites através da destruição do outro; a destruição do semelhante o leva à afirmação de si como indivíduo, a destruição do limite do outro é a destruição de seu próprio limite. Entretanto, essa destruição do ser humano não se resume a matar, como se mata um animal por exemplo. Trata-se da destruição de um elemento humano.

O que Sade teve a fúria ou a obrigação de repetir continuamente era a destruição na criatura humana de um elemento humano, dessa dignidade operatória que nos priva no último grau de dor e de pavor. [...] Só há um meio em seu poder de escapar desses diversos limites: a destruição de um

⁴⁴ *Filosofia na alcova*, p.31.

⁴⁵ *Justine ou os infortúnios da virtude*, p.91.

⁴⁶ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p.110.

ser semelhante a nós; nessa destruição o limite de nosso semelhante é negado.⁴⁷

Essa repetição de formas de destruir seres humanos tem por função a destruição de todos os limites. “Só a enumeração interminável e tediosa, levada pela fúria ao extremo da possibilidade, teve a virtude de estender esse deserto onde só se entra como no inferno abandonando toda esperança”⁴⁸. Bataille diz que para Sade, o indivíduo possuidor de certa força desperdiça-a em benefício de Deus, o ideal, e é aí que, segundo Bataille, Sade vê o erro. Isso porque o indivíduo se enfraquece justamente por se achar fraco, necessitado do apoio desse ideal e dos outros usando a força que já possui para buscar uma força em Deus, sendo que nessa busca desnecessária ele apenas perde sua força. Entretanto, o homem de Sade se reconhece sozinho e nega tudo que não se refira a ele, fortalecendo-se através da destruição.

A piedade, a gratidão, o amor são sentimentos que ele destrói; destruindo-os, ele recupera toda a força que teria precisado consagrar a esses impulsos debilitantes e, o que é ainda mais importante, ele tira desse trabalho de destruição o começo de uma energia verdadeira.⁴⁹

Essa energia que o libertino produz quando destrói somente é possível através do que chama de insensibilidade, que se trata do crime secreto, guardado e planejado, que tendo destruído tudo na alma se identifica com a destruição preparada. Uma vez destruída, ela se insensibiliza e anseia pela destruição que está por vir.

Eles se fizeram insensíveis: pretendem gozar de sua insensibilidade, dessa sensibilidade negada, aniquilada, tornando-se ferozes. A crueldade não é senão a negação de si levada tão longe que se transforma numa explosão destruidora; a insensibilidade toma conta de todo o ser⁵⁰.

⁴⁷ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p. 120-121.

⁴⁸ Ibidem, p. 120.

⁴⁹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*, p.113.

⁵⁰ Ibidem, p.114.

7. A vontade de destruição de si

Mas Sade “consumindo outros consumia a si mesmo”, diz Bataille⁵¹. A negação do outro, que era a afirmação de si, acaba por levar à negação de si. Isso porque o que importa é o crime, é a destruição do ser, não importa quem seja a vítima “só conta o crime, e não nos importa ser a sua vítima: importa só que o crime atinja o apogeu do crime”⁵². Bataille, para ilustrar esse movimento usa como exemplo a personagem Amelie.

Jure-me que um dia também eu serei a vítima; desde a idade de quinze anos, minha cabeça não pensou senão na ideia de morrer vítima de cruéis paixões de libertinagem. Não quero morrer amanhã, sem dúvida: minha extravagância não chega até esse ponto, mas eu quero morrer só dessa maneira: ser, morrendo, a ocasião de um crime é uma ideia que me faz enlouquecer.⁵³

Esse tipo de comportamento permite ao libertino sadiano o prazer em qualquer situação, pois fazer mal aos outros lhe dá prazer. Se os outros lhe fazem mal, ele tira prazer desse mal. Até mesmo a virtude de que tanto desdenha lhe dá prazer, porque devido à sua existência ele pode passar por cima dela, destruí-la. Ele se apraz com o vício, porque ele tira satisfação da desordem que dele resulta, mesmo quando às próprias custas. Se ele vive, não há um acontecimento de sua existência que ele não possa tomar como prazeroso. Se ele morre, tira de sua morte uma felicidade maior ainda e, na consciência de sua destruição, ele tem o coroamento de uma vida que sua necessidade de destruir justificou.

Ainda segundo Bataille, em Sade, o que pode hesitar ou moderar os objetos de desejo do sadiano será sempre unicamente a morte, “o único termo imaginável é o desejo que o carrasco poderia ter ele próprio de ser a vítima de um suplício”⁵⁴. É o que também diz Binoche, e tal postura sadiana só é possível através de uma “regra” no comportamento sadiano:

Ela [a regra de ouro] não significa mais: “nós nos engajamos a não fazer com que os outros sofram o que nós não gostaríamos que nos fosse infligido”, mas “nos engajamos a sofrer absolutamente tudo o que nós infligimos a outrem, pois ninguém pode nos infligir nada que não seja, para nós, um prazer”.⁵⁵

⁵¹ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p. 121.

⁵² BATAILLE, Georges. *O erotismo*, p. 114.

⁵³ Ibidem, p. 115.

⁵⁴ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, p.110.

⁵⁵ BINOCHÉ, Bertrand. *Sade ou a institucionalização do desvio*, p.100.

Adotando essa conduta o indivíduo se livra de uma regra que lhe poda, que lhe impõe não fazer com que os outros sofram o que nós não gostaríamos que nos fosse infligido, e assume para si uma nova regra na qual ele próprio se coloca à disposição de sofrer qualquer dissabor, pois nele há a capacidade de transformar qualquer dissabor em prazer. Dessa forma, ele pode agir livremente e com isso se tornar verdadeiramente um indivíduo livre.

Conclusão

O presente trabalho analisou o isolismo e a vontade de destruição do ser e a partir da análise foi possível demonstrar a importância dessas características na construção do herói sadiano. Ao longo do texto foi provada a recorrência de tais características nas obras sadianas e sua participação na construção do libertino sadiano.

As características foram apresentadas e analisadas separadamente na medida do possível, pois, apesar de intrinsicamente ligadas no herói sadiano, ambas se distinguem uma da outra. Primeiramente, foi apresentado o isolismo, que é o não estabelecimento de laços afetivos. Conforme foi apresentado, o isolismo permite ao sadiano dedicar-se completamente à busca de seus prazeres sem remorsos ou qualquer outro tipo de freio.

O que aqui foi chamado isolismo social / isolamento social trata-se da retirada do sadiano com sua vítima do convívio social uma vez que, como foi esclarecido, o sadiano não se expõe negligentemente. Assim, como o isolismo afetivo é o não estabelecimento de laços afetivos, o isolismo social é a quebra de laços entre o sadiano e a sociedade tradicional. Entretanto, conforme também já demonstrado, esse isolismo social ocorre somente em parte, uma vez que o sadiano estabelece relações sociais e apenas tem o rompimento temporário e necessário desses laços quando se retira com sua vítima.

A segunda característica exposta foi a vontade de destruição do ser, que, conforme demonstrado, faz parte da natureza do homem e se faz presente desde a mais tenra idade. O sadiano não busca de maneira alguma reprimir esse impulso, pelo contrário, ele busca de várias formas dar vazão a esse sentimento. A vontade de destruição do ser manifesta-se no prazer de infringir sofrimento ao outro, ainda que sem chegar ao extremo do assassinato – a destruição do outro – esse prazer já é a manifestação da vontade de destruição do ser.

A vontade de destruição de si é a vontade de destruição do ser tão extrema que leva à destruição de si. Dessa forma, a vontade de destruir do sadiano é tão grande que ele acaba destruindo a si mesmo. Só o que importa é destruir e o prazer que a destruição resulta. Assim, é a destruição, do outro ou de si, que importa e proporciona prazer.

Tais características foram analisadas separadamente, mas estão intrinsecamente ligadas e dão base para a construção do herói sadiano libertino. O herói sadiano se compraz com o sofrimento, com a destruição do outro sem que tal prazer seja procedido por uma crise de remorso. Isso é possível devido ao isolismo afetivo. O libertino sadiano

não sofre com crise de consciência ou passa por episódios de remorso e, ainda que isso ocorra entre os que estão iniciando na libertinagem, como a jovem Eugenia de *A filosofia na alcova*, ele está sempre evoluindo em suas práticas libertinas até que chegará o momento em que não sofrerá mais tal afeto, se comprazendo com o sofrimento alheio sem exprimir compaixão ou remorso. Assim, o isolismo se faz imprescindível ao herói sadiano.

Da mesma forma, um personagem que fosse apenas indiferente, apenas não estabelecesse laços afetivos, porém não tivesse crueldade e não sentisse prazer com essa destruição, não usasse essa indiferença para conseguir prazer com o sofrimento do outro sem se penalizar, também não é esse o libertino que Sade nos apresenta.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. *Deve-se queimar Sade*. Disponível em: <http://minhateca.com.br/bibliotecadafilo/Beauvoir>
- BILATE, DANILO. *Sade e a indiferença*. Cadernos de Ética e Filosofia Política, v. 26, 2015, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/108669/107001>
- BINOCHÉ, B. *Sade ou a institucionalização do desvio*. Discurso, São Paulo, v. 47, n. 2, 2017, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/141434>
- PEREIRA, Renato. *Marquês de Sade: Sua obra no contexto do Séc. XVIII Francês*. Disponível em: www.klepsidra.net
- SADE, Marquês de. *A Filosofia na Alcova*. Editora Antígona 2009.
- _____. *Diálogo entre um padre e um moribundo*- Editora Iluminuras, 2001.
- _____. *Contos Libertinos* Editora Iluminuras, 2013.
- _____. *Os 120 Dias de Sodoma*. Editora Iluminuras, 2015.
- _____. *Os infortúnios da Virtude*. Editora Iluminuras, 2015.